

↓
cmp 2.2.3.473

Morre Toynbee, historiador e humanista

Da AFP-AP-UPI-ANSA

YORK, Inglaterra — O historiador Arnold Toynbee morreu ontem, aos 86 anos, numa clínica de repouso desta localidade. A causa da morte ainda é desconhecida, mas o escritor britânico estava internado ali há 14 meses, quando sofreu um derrame cerebral.

Toynbee, cuja saúde ficou mais frágil no decorrer deste ano, produziu pelo menos uma obra monumental, "Estudo da História", que nos seus 12 volumes, foi "uma tentativa de sintetizar toda a história humana". Essa obra maior descreve o apogeu e o declínio das civilizações, sob um ponto de vista de filósofo. Seu interesse variava muito, abrangendo desde a história e a religião ao crescimento das cidades. Ele via um elo

entre a história da humanidade e a história da religião e defendia a idéia de que as religiões superiores se influenciavam mutuamente. Como o homem não é a presença espiritual mais elevada do universo, na concepção de todas as religiões, a humanidade poderia salvar-se da autodestruição, argumentava ele.

Arnold Toynbee foi diretor de estudos do Instituto Real e professor e pesquisador de história internacional na Universidade de Londres, até se aposentar, em 1955. Escreveu vários livros de história e durante a I Guerra Mundial trabalhou no Departamento de Inteligência e Polícia do Ministério das Relações Exteriores.

ESTUDO DA HISTÓRIA
"Estudo da História" foi escrito durante um longo

período de 34 anos e publicado entre 1934 e 1961. A versão resumida da obra tornou-se, naturalmente, bem mais popular.

As civilizações surgem, desenvolvem-se e logo entram em decadência, geralmente porque respondem de maneira equivocada aos desafios que devem enfrentar. Essa decadência é seguida de um cataclisma e depois o ciclo começa novamente. O historiador estabeleceu uma série de paralelos entre a decadência grega e romana e os acontecimentos atuais do Ocidente.

Numa entrevista a James Reston, do "New York Times", em dezembro de 1972, Toynbee disse que via perspectivas de progresso em termos de cooperação entre as nações e de controle da fertilidade humana. Em sua opinião, tanto uma coisa quanto outra deviam ser aceleradas, para evitar sérios desastres no futuro.

Na época, o historiador britânico mostrava-se bastante satisfeito com as tendências manifestadas pela Alemanha e pela União Soviética: a primeira, segundo ele, dava a impressão de ter superado os sonhos de conquista e o espírito de vingança; a segunda parecia ter concluído que teria muito mais a ganhar com os computadores, o comércio e a tecnologia moderna, cooperando com nações industrialmente avançadas, do que combatendo-as no campo ideológico e político. O processo, porém, seria lento,

porque os russos são desafiados e têm boas razões históricas para tanto.

NO MUNDO OCIDENTAL
Toynbee não gostava do que estava vendo no mundo ocidental da época. Acreditava que havia um sensível declínio da honestidade e que não poderia se falar de objetivos comuns de um povo, de um país, de uma comunidade. Quase não havia orgulho no trabalho e os sindicatos modernos eram tão interesseiros quanto os antigos senhores feudais.

Os próprios Estados Unidos eram mal vistos por Arnold Toynbee. Eles representavam a Nova Jerusalém, o grande centro do poder e do idealismo, mas atualmente, principalmente depois da guerra do Vietnã, pareciam-se muito com as outras potências imperiais, mais interessadas no seu poder do que nos seus ideais. Seu único consolo eram os poucos jovens que recusavam os objetivos de vida materialistas, para procurar caminhos mais simples e se aproximar dos doentes com compaixão.

A EMPRESA PRIVADA
Suas análises eram sempre contundentes, sem pelas. Por isso em abril do ano passado o historiador britânico declarava que os países ricos se encontrariam logo sob "um assédio econômico permanente" e prognosticou o desaparecimento da empresa privada. Esses seriam os resultados da "rapina" dos recursos naturais limitados do planeta, segundo afirmou ao jornal "The Observer". "O saque da natureza por parte do ser humano ameaça-o agora com a

contaminação e com o esgotamento (de tais recursos)", escreveu ele. "Na Europa Ocidental, Estados Unidos ou União Soviética ou Japão, o crescimento (econômico) cessará. Os países irão encontrar-se em permanente estado de sítio e as condições materiais da vida serão pelo menos tão austeras como o foram durante as duas grandes guerras mundiais".

UMA VIDA
Arnold Joseph Toynbee nasceu em Londres, no dia 14 de abril de 1899, de uma família de catedráticos e filantropos ingleses. Seu tio e tutor foi um economista e defensor de reformas sociais.

Toynbee formou-se em Oxford, para onde voltou como professor de história greco-romana. No período entre as duas guerras, foi professor de Estudos Bizantinos e de Grécia Moderna na Universidade de Londres. Em 1921 viajou à Turquia como correspondente especial da guerra entre a Grécia e a Turquia. Em 1924, começou a trabalhar no Instituto Real.

Toynbee casou-se duas vezes. Seu primeiro matrimônio durou 33 anos, até 1946, quando se casou pela segunda vez. Teve dois filhos com a primeira mulher.

Toynbee é autor, entre outros livros, de "Como um Historiador Vê a Religião", "O Cristianismo entre as Religiões do Mundo", "A América e a Revolução Mundial", "A Economia do Mundo Ocidental" e "Entre o Maule e o Amazonas".

Esteve no Brasil em 1966, para colher impressões da América Latina, justamente para a realização dessa última obra.



Arnold Toynbee escreveu pelo menos uma obra significativa, que influenciará ainda diversas gerações: "Estudo da História".